

Leitura, análise e interpretação de textos: por que toda essa preocupação?

Geraldo Antonio Betini¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo mostrar a necessidade da análise e interpretação de textos para uma educação emancipadora, do saber pensar, do aprender a aprender por meio da linguagem escrita, da inserção no mundo do autor, porém sem ser seu dependente. Procura também dar algumas sugestões de como ser um leitor-sujeito, analisando e interpretando um texto.

Palavras-chave: leitura, compreensão, leitor-sujeito.

Abstract: This paper has the purpose to show how necessary it is the analysis and the interpretation of the texts for an emancipated education, of how to think, of learning to learning by a written language, of the author's world intersection, but not being dependent of it. It also tries to give some suggestions of how to be a subject-reader, analysing and interpreting a text.

Key-words: reading, comprehension, subject-reader.

Contextualizando o problema

É padrão internacional considerar uma pessoa alfabetizada quando ela sabe ler e interpretar um texto. A realidade da educação brasileira mostra-nos estatísticas preocupantes a esse respeito. Os resultados do SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) de 2001 em relação à 4ª série em leitura comprovam essa preocupação, uma vez que demonstram que 58,9% dos examinados só conseguem ler frases simples e 95% não conseguem compreender o que conseguem ler (NOVA ESCOLA, 2003, p. 38). Triste realidade essa que, a perdurar, irá atrasar mais ainda a emancipação social, política, econômica e intelectual de nossa sociedade.

Transferindo essa discussão para o mundo acadêmico, a realidade com a qual nos deparamos, dadas as devidas proporções, não é muito diferente. A preocupação com o assunto reveste-se de uma importância ainda maior, uma vez que existem sérias deficiências nessa área e muitos alunos de hoje serão os educadores de futuras gerações de brasileiros amanhã.

Mas por que essa preocupação em saber ler, analisar e interpretar um texto? Vivemos em um mundo de avanços tecnológicos significativos, de grandes transformações e com novas formas de organização do trabalho, aliados a um sistema de vida pautado pelo individualismo e pela competitividade, legados pelo neoliberalismo, que moldam a vida material e cultural de todo cidadão. É nessa realidade que vivemos e para a qual devemos nos preparar e até para modificá-la, atuando como sujeitos de nossa história.

¹ Mestre em Educação pela Unicamp, formado em Pedagogia pela Puc de Campinas com especialização em Administração de Recursos Humanos pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. É professor de Didática na Faculdade de Pedagogia do Creupi, de Comunicação Organizacional, Administração Integrada e TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) dos cursos de Administração e Administração com habilitação em Análise de Sistemas da Unip de Campinas.

E-mail geraldo.betini@prorh.com.br

Em uma sociedade que se transforma tão rapidamente, de tantas informações e conhecimentos gerados pela ciência e pela tecnologia, é necessário que as pessoas aprendam a pensar. E pensar é saber discernir e traçar o seu próprio caminho em meio a tantas perspectivas que o mundo apresenta.

Sendo assim, ler, analisar, interpretar um texto de forma crítica nos ensina a pensar, e saber pensar nos leva a interpretar uma leitura e, sobretudo, estabelecer relação com uma realidade de forma crítica. Visão crítica mais ação podem transformar a realidade social, política, econômica, cultural de um indivíduo e de uma sociedade.

Entretanto, não é tão fácil interpretar um texto. Esse é um dos grandes desafios de muitos professores hoje em nossas escolas superiores. Deparamo-nos com alunos que não foram preparados para uma educação emancipadora, crítica, que os colocassem como co-responsáveis pela sua formação. Aprenderam mais pela linguagem oral do que pela linguagem escrita, tornando-se dependentes no processo de aprendizagem. Receberam uma quantidade enorme de informações e conhecimentos, mas não sabem relacioná-los com os diversos saberes da escola e da vida. Foram ensinados a ouvir e não a participar, falar, criticar. Tornaram-se objetos e não sujeitos de sua educação.

Mas como podemos melhorar a capacidade de pensar criticamente, tornando o indivíduo um leitor ativo, participativo, sujeito?

O processo de compreender, interpretar e criar além do que se lê

Ler é um ato que nos remete a um diálogo com o mundo do autor. É um ato que nos coloca frente a frente a uma realidade que muitas vezes é totalmente desconhecida por nós, o que pode dificultar o seu entendimento. O texto, por outro lado, representa o pensamento humano de um tempo, de uma época histórica. É, portanto, a expressão de um modo de viver, pensar, sentir, ver a realidade como se apresenta historicamente em seus aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais, ideológicos. Podemos, então, entender que um texto é a obra do homem que auxilia os seus semelhantes a conhecer e entender o mundo. Entretanto, por representar um momento histórico, não é algo acabado, pronto, definitivo e absoluto.

A relação do leitor com o autor e com o texto supõe uma intencionalidade, um diálogo, uma busca da elaboração do saber fundamentado nas diferentes experiências de vida que se apresentam entre ambos. O leitor busca em um texto as respostas aos problemas que o afligem em seu contexto de vida. É como diz Carvalho:

A leitura de um texto pressupõe objetivos, intencionalidade [...] O leitor, ao se dirigir ao texto, está preocupado em responder às questões suscitadas pelo seu mundo e, através do enfrentamento das posições assumidas pelo autor, busca encontrar pistas que o auxiliem no desenvolvimento de sua realidade. É somente neste encontro histórico, onde experiências diferentes se defrontam, que é possível a compreensão e interpretação de textos (CARVALHO, 2002, p. 121).

O ato de estudar em si requer uma postura ativa, requer que o indivíduo dê vida ao objeto do estudo, que compreenda, desvende e transforme a realidade, agindo sobre ela. Estudar e ler são atos que exigem postura ativa, crítica que não só retém, mas compreende a mensagem, criando sobre ela. O texto de Paulo Freire abaixo elucida bem a questão:

Estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu. É perceber o condicionamento histórico-sociológico do conhecimento. É buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento. Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever - tarefa de sujeito e não de objeto. Desta maneira, não é possível a quem estuda, numa tal perspectiva,

alienar-se ao texto, renunciando assim à sua atitude crítica em face dele (FREIRE, 1982, p. 10).

Segundo Luckesi et al (2000, p. 140), o leitor será sujeito do estudo e da leitura quando imprimir uma ação crítica ao ato de ler e estudar. Será objeto quando adotar uma ação a-crítica frente ao texto objeto de seu estudo. O leitor objeto deixa-se ofuscar pelo "júbilo" ou pelo "medo" em relação ao texto estudado. Em ambos os casos, perde-se a objetividade da leitura e o que fica é uma retenção a-crítica e alienante das informações. O leitor objeto está "submisso" ao texto.

A prática da leitura crítica não é mecânica, requer julgamento, deve ser contextualizada, foge da neutralidade, exigindo uma posição do leitor. Isso transforma o ato de ler, de estudar em ato criativo, não repetitivo.

O leitor sujeito é capaz de compreender e integrar o que lê a outros conhecimentos. É capaz de avaliar o que lê, fazendo relação com suas vivências, experiências e valores; é capaz de questionar, perguntar, dialogar com o autor, o que facilita a geração de novas e criativas idéias e mensagens. O leitor sujeito se transforma em um "leitor-autor" (LUCKESI *et al*, 2000, p. 141-143).

Mas o que podemos fazer de prático para processar uma melhor análise e interpretação de um texto? Podemos adotar, esquematicamente, três passos, seguindo algumas recomendações de Severino (2001, p. 47-61) e Luckesi *et al* (2000, p. 144-153).

Primeiro passo: *Análise geral do texto*. Consiste em levantar elementos, tanto para a compreensão, como para fazer um julgamento crítico posterior. Nesta fase é importante levantar os dados bibliográficos do autor; contextualizar a obra no tempo e no espaço; procurar esclarecer fatos históricos, doutrinas envolvidas, vocabulário e outros possíveis elementos necessários e importantes para o entendimento do texto.

Segundo passo: *Análise do tema propriamente dito*. Envolve a compreensão da mensagem do autor, através da identificação e análise do título, tema, problema, idéia central e periféricas, raciocínio e argumentação.

Terceiro passo: *Interpretação e avaliação do texto*. Envolve não só o estudo sobre o autor em suas concepções filosóficas, para poder interpretar as suas mensagens e idéias, como também um juízo de valor sobre o que se leu. É o momento final da leitura que nos leva a processar um juízo crítico e apresentar um propósito de ação. Se avaliar é julgar valor, com o objetivo de tomada de uma ação, então, podemos "ler, julgar e agir", separando e trabalhando os elementos positivos da leitura, criando novas idéias e mensagens.

Como podemos verificar o ato de estudar e entender um texto não é tarefa fácil. É um desafio constante, exige trabalho. Como diz Paulo Freire "A compreensão de um texto não é algo que se recebe de presente. Exige trabalho paciente de quem por ele se sente problematizado" (FREIRE, 1982, p. 12).

Considerações finais

Uma das grandes preocupações de nossos alunos, hoje, é como se colocarem profissionalmente no mercado de trabalho. Os efeitos da reestruturação produtiva, o enxugamento das organizações, o desemprego estrutural, a competitividade exacerbada do mercado, o individualismo e as transformações e mudanças contínuas da sociedade revestem o trabalho de uma maior autonomia e mudam profundamente o perfil do profissional. A agilidade mental, a criatividade, a inovação são competências importantes para que o profissional sobreviva, desenvolva-se e tenha sucesso no mundo do trabalho. Saber estudar, saber pensar, aprender a aprender ou o saber aprender tornam-se necessários, pois a produção de conhecimentos é tão grande e rápida que a capacidade de aprender é mais importante do que o próprio aprender (BETINI, 2002, p. 44).

A nossa preocupação como docentes, portanto, deve ser de estimular a capacidade de saber pensar dos nossos alunos, porém com autonomia. O que pensar

cabe a cada um. Cabe ao professor atuar como um facilitador (DEMO, 2000, p. 19) do processo de aprender a pensar do aluno, motivando, abrindo caminhos, criando condições e oportunidades, criticando, avaliando e não "facilitando" as coisas.

Referências Bibliográficas

BETINI, G.A. **Educação e avaliação no âmbito da empresa:** a reestruturação produtiva mudou as regras do jogo? Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

CARVALHO, M.C.M. (Org.) **Construindo o saber.** 13. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2002.

DEMO, P. **Saber pensar.** São Paulo: Cortez Editora, 2000.

FREIRE, P. Considerações em torno do ato de estudar. In: **Ação cultural para a liberdade.** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LUCKESI, C. et al. **Fazer universidade:** uma proposta metodológica. 11.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

NOVA ESCOLA. **Todos podem compreender.** v. 18, n. 164. ago. 2003.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 21. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.